

“Quando Falamos de Família, de que Família estamos Falando?”: Histórias e Reflexões sobre a Terapia Familiar pelas Lentes de Iara Camaratta Anton

“When We Talk about Family, which Family Are We Talking about?”: Stories and Reflections on Family Therapy through the Lens of Iara Camaratta Anton

Ana Paula Risson , Larissa Coutinho Jordão  e Iara Camaratta Anton

Iara Camaratta Anton é psicóloga, possui formação em Psicanálise e Sistêmica, acumula uma ampla e valorosa experiência em Psicologia Clínica, no atendimento de pacientes de maneira individual, em casal e familiar. É autora de livros clássicos no campo da psicoterapia de casal, como “A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico” e “Vínculos e saúde mental”.

Com gentileza e disponibilidade, Iara aceitou estar conosco e conceder esta entrevista. O encontro ocorreu de maneira presencial, nas dependências do Serviço Escola de Psicologia, da FAE Centro Universitário, aproveitando a presença de Iara no III Congresso Brasileiro de Psicologia da FAE, em que proferiu uma palestra sobre amor e relacionamentos.

Quanto aos procedimentos para a realização desta entrevista, registra-se que ela foi consentida por Iara, com ciência de sua gravação em áudio e posterior transcrição. A transcrição foi lida diversas vezes e correções foram realizadas, com o objetivo de atribuir um fio condutor dos conteúdos explorados.

Desejamos aos leitores uma excelente leitura.

lara, para iniciarmos nosso bate-papo, gostaria de escutar sua história profissional, no que se refere aos atendimentos de famílias.

Iara Camaratta Anton: Bem, é uma história de mais de 50 anos. O único curso de Psicologia que havia no Rio Grande do Sul, na época, era no Instituto de Psicologia, da PUC e eu fiz parte de uma das primeiras turmas. Nossos professores eram filósofos, educadores, pedagogos (alguns com formação em Psicologia no exterior) e médicos (neurologista, endocrinologista, pediatra, além de vários psiquiatras e psicanalistas). Os pioneiros, psicólogos que haviam buscado sua formação no exterior, reuniam-se sistematicamente para seguirem estudando e, nesse intuito, criaram a Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, fundada em 19 de julho de 1959, antes mesmo que a profissão fosse reconhecida em nosso país. Merecem nosso total reconhecimento, nossa gratidão.

Passávamos, os alunos, por quatro áreas de longos estágios curriculares: educação, psicopatologia, clínica e trabalho. Penso que essa prática supervisionada foi muito importante e lastimo que essa obrigatoriedade não continue ocorrendo, porque nosso diploma permite que atuemos em todas essas especialidades. Como, sem treinamento e orientação prévios? Em parte, essa exigência — ou melhor, essa oportunidade — deixou de existir porque os cursos de Psicologia se multiplicaram demais, o que dificulta a criação de locais e orientadores disponíveis para tantos estagiários. Assim, milhares de certificados são fornecidos anualmente, e a qualificação do profissional psicólogo acaba por esbarrar em novos e vultuosos desafios. Alguns professores, como sempre, tornam-se líderes e modelos de identificação e os melhores alunos de Psicologia, os realmente idealistas, estudam, vão “em busca de” e são estes os que fazem toda a diferença.

Antigamente, a busca de ajuda profissional em educação e na clínica era cercada de preconceitos, como se equivalesse a atestados de incompetência ou de insanidade mental! Lembrem que a Psicologia foi nacionalmente regulamentada como ciência e profissão apenas em 27 de janeiro de 1962! Desde então, passo a passo, nosso campo de trabalho ampliou-se e a profissão psicólogo passou a ser cada vez mais reconhecida e validada.

Quando já graduados, nós nos orgulhamos em declarar que somos “formados(as) em”. Na verdade, num curso de graduação, nós simplesmente recebemos algumas sementes a serem germinadas, as bases para um desenvolvimento posterior; daí a relevância num autoinvestimento contínuo, através de leituras, em grupos de estudo, em cursos e em nossas próprias terapias. Quanto mais a gente estuda, mais a gente se dá conta de que “Eureka! Eu não sabia!”. A gente se surpreende “um tanto mais” do que outrora, ou a gente revê conceitos que, enfim, já havíamos, de alguma forma, estudado, absorvido há muitos anos, mas revê-lo no momento atual parece que reativa, amplia e aprofunda conhecimentos e competências — e isto é muito bom.

Eu havia sido professora nos Colégios Nossa Senhora do Bom Conselho e Anchieta e, depois, psicóloga em Escola Infantil. Essas e outras vivências me conduziram ao magistério no curso de Psicologia da PUCRS, onde lecionava “Problemas de Aprendizagem”. No consultório, atendia crianças, encaminhadas por médicos e educadores, tendi em vista avaliações psicológicas, geralmente ligadas a problemas psicossomáticos, de aprendizagem e comportamentais. Meu interesse seguia sendo a psicoterapia de adultos, para a qual me sentia despreparada. Minha psicoterapia pessoal ajudou-me a vencer barreiras, e então investi meus cursos de especialização nesse ideal tão longamente acalentado.

O que estou querendo dizer é que nossas experiências prévias influenciam as presentes e, é claro, as futuras. Assim, vamos nos conhecendo melhor, nos corrigindo, confirmando, reconstruindo e, a cada passo, abrindo portas para novas escolhas e comprometermos. Compartilho com vocês uma breve “linha do tempo” e convido-os(as) a fazerem o mesmo, repensando suas histórias de vida.

1. Adorava de brincar de casinha, de bonecas, de ler e contar histórias. Era péssima em matemática e em todas as ciências exatas. Ajudava meus irmãozinhos a estudarem. Fui bandeirante, “chefe de fadinhas”, professora em dois grandes colégios de Porto Alegre e psicóloga em Escola Infantil. Meus melhores estágios, durante o curso de Psicologia foram

os de Escolar e Clínica. Passei “raspando” no empresarial. Alimentava meu desejo de ser psicoterapeuta de adultos, mas me sentia despreparada. Assim, abri as portas de meu consultório para crianças e adolescentes;

2. E agora, será que alguém me procura? Quais são as fontes que poderiam trazer clientes ou pacientes para meu espaço pessoal? Bem, lembrem que estávamos na década de 70, em que havia muita ignorância e preconceitos em relação à nossa profissão. Resultado? Minhas primeiras crianças e meus poucos adolescentes vieram em busca de avaliação psicológica, devido a distúrbios psicossomáticos e, principalmente, problemas de aprendizagem e comportamentais. Tais avaliações eram solicitadas por escolas e médicos pediatras e neurologistas. Alguns seguiram comigo em ludoterapia ou psicoterapia;
3. Mas de onde surgiram tais indicações? Primeiramente, profissionais e pais de ex-alunos meus, do Anchieta e do Bom Conselho, me procuraram, e médicos que tive a oportunidade de conhecer. Depois, a repercussão de meu “Curso de Psicologia Evolutiva e Educacional”, inédito, na época, destinado a pais, mas trazendo muitos profissionais da educação e da saúde e entrevistas na mídia local. De alguma forma, é preciso que as pessoas saibam de nosso trabalho e possam conferir se merecemos algum crédito, alguma confiança. Afinal, quem procura o psicólogo traz para nós suas zonas de maior vulnerabilidade. É preciso que lembremos disso, quando estivermos em busca de nossas realizações profissionais — de nosso trabalho;
4. O fato é que cada etapa da vida dá margem a mais e mais questionamentos e oportunidades. Avanços, desvios e recuos fazem parte da história. E, de minha parte, vi confirmar-se meu desejo de trabalhar com adultos, o que foi discretamente encorajado por meu primeiro terapeuta, e fez com que eu investisse em diversos cursos de especialização, de

orientação psicodinâmica e sistêmica. Passo a passo, vamos nos construindo, como pessoas e como profissionais. São incontáveis as pessoas que, direta ou indiretamente, fazem parte de nós mesmos, por fazerem parte de nossa história de vida. Gratidão eterna!

5. E quanto à família, aos amigos, aos amores...? O que pensar, o que dizer...?

Iara, como você concebe a formação do self do terapeuta familiar? Quantas histórias fazem parte do self do terapeuta familiar?

Iara Camaratta Anton: A pessoa do terapeuta é atravessada pelos seus próprios terapeutas e pacientes e, sob todos os aspectos, por sua história de vida. Me permita contar uma história: eu tive um terapeuta, meu primeiro terapeuta, e ele era singular. Eu tinha procurado vários outros, mas nenhum me convencia. Tinha alguma coisa que não me dava vontade de voltar. E, com este, foi diferente. Eu o procurei logo após uma situação traumática a qual descrevi sucintamente e julgava “resolvida”. Em seguida, falei sobre minha paixão pela Psicologia e a consciência de que era necessário passar pelo processo terapêutico para me tornar uma boa psicóloga, mas, até então, não tinha afinado com ninguém. Ele levou cerca de um mês para “baixar minha crista”. Discreto, caladão, conseguiu me mostrar que não existe “terapia para ajudar os outros”, pois o processo terapêutico é um processo muito pessoal, de olhar para si mesmo, e querer “tratar-se”, ou seja, tu procuras terapia para “te tratar”.

Eu tinha sofrido um acidente de carro que, realmente, me abalou e, desde aquele dia fatídico, não conseguira mais dirigir. E esse evento traumático foi, vamos dizer assim, o estopim para que meu terapeuta pudesse focar comigo conflitos inconscientes, que me paralisavam, por exemplo, diante da direção. Avaliamos que dirigir um carro representava, para mim, riscos e oportunidades de atuação. É um olhar bem psicanalítico. Ele estava procurando razões inconscientes para eu ter desenvolvido aquele tipo de fobia. Porque era uma fobia, né? Eu não tinha mais condições de dirigir.

Na terapia com esse terapeuta, ele focou durante anos o fato de que eu tinha medo da minha raiva,

de minha agressividade, que eu sequer reconhecia, pois tinha aprendido a ser uma menina muito cordata, sensível, de bom relacionamento e eu tinha certeza de que eu não tinha raiva alguma, de nada e de ninguém. Que absurdo, não é mesmo? Os meus processos de raiva eram absolutamente inconscientes. Então, em algumas situações do cotidiano, levadas para as sessões de terapia, que eu minimizava: “mas eu só fiquei chateada, por que eu ficaria com raiva”? Durante um bom tempo, “baixar a crista” significou me fazer reconhecer a energia agressiva presente, até mesmo quando eu dizia que, simplesmente, “fiquei chateada, fiquei insegura, me incomodou”. Num determinado momento, ele passou a dizer: “pelo medo que tu tens dessa raiva, tu não consegues sequer nomeá-la”. E, quando eu comecei a me dar conta, me perguntei: “medo do que”? Primeiro medo: de ser rejeitada. Outro medo: de destruir, como aconteceu quando eu dirigia o carro. Aconteceu que uma senhora com crises de ausência atravessou inesperadamente a avenida. Ela não podia andar desacompanhada pela rua, devido a questões psiquiátricas. A sinaleira estava aberta para mim. Felizmente, ela ficou bem, teve um tratamento excelente a partir desse acidente. Mas, eu fiquei traumatizada. E essa história serviu muito de estopim para quê? Para que eu passasse a temer meu até então ignorado potencial destrutivo.

Foi então que, em terapia, comecei a perceber que eu sentia muita raiva, até mesmo das pessoas a quem eu mais amava ou das pessoas que tinham mais poder sobre mim. E disso surgiu outro aspecto da terapia com esse terapeuta: o que fazer com esta raiva? Como administrá-la? E é uma coisa incrível, porque ele trabalhando tudo isso me ajudou a aprender a me conter, não por ser reprimida do jeito que eu era, mas me conter para poder me reconhecer e, então, me conduzir. Claro que eu voltei a dirigir. E claro que eu fiquei mais firme e mais forte, com mais clareza, com mais serenidade para trabalhar bem aquele tipo de sentimento em relação aos meus pacientes.

Falo isso para refletir com vocês: como nós olhamos para nós? Tu falaste do self do terapeuta. Nós “nos conhecermos, nos reconhecermos, nos conduzirmos” ajuda-nos a identificar processos semelhantes nas outras pessoas. Evidentemente, é necessário muito

cuidado para não projetarmos coisas nossas, para não tentarmos enquadrar as pessoas em nossos padrões, mas temos que admitir que a energia agressiva está presente em tudo. Está presente nas relações de amor. E, então? Como trabalhar isso em terapia com um paciente? Tu referiste à questão do self do terapeuta, isso é fantástico, é um trabalho necessário para o exercício da profissão. Então, uma das coisas que esse terapeuta trabalhou bastante comigo era o medo que eu tinha de realizar o meu desejo de trabalhar com adultos. E validou o fato de que eu estava sendo corajosa em transgredir — ele usava transgredir entre aspas — ao incluir os pais na terapia de crianças e adolescentes quando isso era considerado, por muitos, como falha ética. Ele dizia: “Mas tu estás sendo ética. Tu estás atendendo as necessidades das crianças e o que pode realmente ser interessante em termos do desenvolvimento delas”.

Iara, você é uma autora reconhecida de livros clássicos da terapia de casal e familiar. Em que momento de sua trajetória eles nasceram?

Iara Camaratta Anton: Quando eu fiz a minha primeira pós-graduação em Psicologia Clínica, a experiência com atendimentos a crianças e adolescentes despertou indagações de ordem vincular, referentes aos pais: “Como foi que esse casal se conheceu, se descobriu? Que tipo de contrato eles têm para levar a vida dessa forma e em grande parte refletir isso nos filhos?”

Tornou-se, esta, uma questão relevante, um foco de atenção, que deu origem ao tema de conclusão do curso: “Motivações inconscientes para a escolha do cônjuge”. O meu supervisor leu o projeto todo e disse: “Iara, eu não consigo. Está duro demais, está rígido demais. Tu estás muito focada em fundamentações teóricas e não te soltas em tua escrita”. Claro que não, né? Eu morria de medo. Só que ele me cutucou tanto que eu consegui mudar a escrita de alguma forma. Então, surgiu a primeira publicação que foi “A escolha do cônjuge: motivações inconscientes”. Levei muitos anos para dar esse formato. Por quê? Sabes que, naquela época, não existiam computadores, né? Eu datilografei todo o livro e a cada erro, eu precisava datilografar novamente a página inteira. Era muita vontade de fazer, eu levei 10 anos até publicar este livro.

Depois, acompanhando os demais cursos,

psicoterapias (enquanto paciente e terapeuta) e vivências pessoais, surgiram outras produções, como “A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico”; “Homem e mulher: seus vínculos secretos”; “Cegonha à vista! E agora, o que vai ser de mim?”; “O casal diante do espelho. Psicoterapia de casal: teoria e técnica”; e, finalmente, derivando dos acima citados, temos “Vínculos e saúde mental”, “O casal diante do espelho e a reconstrução do vínculo do amor” e, em breve, de volta ao título inicial, “A escolha do cônjuge – motivações inconscientes”.

Acontece que os vínculos são essenciais para o nosso desenvolvimento. Algum tipo de vínculo. As pessoas que vivem sós, sem contato direto com ninguém, perdem a noção de si mesmas. Isso é equivalente à loucura, porque o nosso pensamento não só é formado a partir do diálogo e da convivência, como também a nossa noção de self, a nossa noção de mundo. E nós, facilmente, misturamos fantasias com “realidades”. E é no encontro com o outro que nós vamos corrigir algumas fantasias, modificar os nossos rumos, ter consciência de nós mesmos. Os outros nos fornecem estímulos simplesmente por existirem. E também por agirem e reagirem, e vice-versa. De que jeito o outro nos olha? De que jeito o outro nos dirige a palavra? O que que o outro nos conta sobre a vida? De que forma isso repercute em nós? O que sentimos e pensamos a respeito? Que emoções a vida e as pessoas nos despertam? Como lidamos com elas? O que podemos “saber” se estivermos sós? Trata-se de uma contínua e essencial troca de subjetividades.

Em se tratando de famílias, elas podem ser consideradas como sistemas, que participam de outros sistemas e dão formadas por diversos outros subsistemas, e cada um de seus membros sofre e exerce influências. Cada um tem seu próprio lugar, exerce papéis e funções, é reforçado em algumas características e desencorajado em outras... Cada uma dessas pessoas vai desenvolvendo seus caracteres, sua personalidade, na integração com esse grupo e com seus demais grupos de pertencimento, que podem ser saudáveis ou não, mais saudáveis ou menos saudáveis...

Nessa direção, é possível afirmar que relações

familiares saudáveis são decisivas para a saúde mental individual?

Iara Camaratta Anton: A palavra “decisiva” me faz pensar em algo muito radical, sem quaisquer acréscimos ou opções. A palavra “saudável”, por sua vez, é uma expressão muito forte, que poderia dar margem a diversas interpretações, o que levou às escolas sistêmicas a preferirem a expressão “funcionalidade”. Poderíamos referir, então, a famílias “mais ou menos funcionais; mais ou menos disfuncionais”. Afinal, todos nós temos as nossas disfuncionalidades e, no encontro com as demais pessoas, vamos aprendendo a funcionar de uma maneira melhor, ou até pior.

Quando nossos pais nos acolhem; nos batizam, descrevem e qualificam; abrem espaço na sua casa, na sua agenda, na sua vida; dividem-nos com outras pessoas, tal como avós, tios, irmãos e amigos... multiplicam-se as influências em relação ao nosso “vir a ser”!

Muitos pais garantem que deram oportunidades idênticas a todos os nossos filhos, que foram e são os mesmos pais, sem qualquer distinção. Ledo engano, pois a passagem do tempo nos propicia “n” aprendizagens, de modo que atendemos, agimos e reagimos de uma maneira um tanto diferente em relação a cada filho (mesmo que gêmeos univitelinos!); além disso, os filhos se relacionam entre si, e tudo isso oferece variáveis que influenciam no desenvolvimento de suas habilidades, de suas particularidades.

Iara, quando falamos de família no século XXI, de que família estamos falando?

Iara Camaratta Anton: Acho excelente essa questão, pois a tendência mais comum é pensarmos em família sob uma ótica bem tradicional: mãe, pai, filhos, avós, netos. Mas o fato é que a palavra “família” poderia sugerir contextos muito mais amplos. Com muitos de nossos amigos nós formamos uma espécie de família. Família tem a ver com aquilo que é familiar, aquilo que nos une, aquilo que nos agrupa etc. e tal. Casais homoafetivos e pais ou mães “solo” constituem famílias. Os antigos grupos de hippies funcionavam como família. Atualmente, fala-se em pluralidade do amor, em tricasal ou quadrisal, vínculos que também

podem dar origem a novas configurações familiares. Em síntese, diversos agrupamentos com significados funcionais e afetivos passaram a ser formalmente considerados famílias no século 21.

Então, podemos refletir que pensar em famílias no século 21 é pensar em famílias diversas e complexas?

Iara Camaratta Anton: Sim. Sem dúvida. Há décadas anuncia-se que “a família vai morrer” ou “casamento vai morrer”. Não, não vão morrer; transformam-se. E essas transformações são necessárias para que tais instituições sigam vivas e se desenvolvam. A família continua a existir, adaptando-se a cada um de seus tempos.

Em relação aos relacionamentos homoafetivos, eu não encontro qualquer justificativa racional para que se tente coibir o amor entre pessoas do mesmo sexo. A homofobia tende a ser fruto de jogos de poder, de normas pré-concebidas, criadas em favor de algumas organizações dominantes, que repassam, geração a geração, preceitos e preconceitos. Ou a gente se encaixa, alimentando a sensação de pertencimento, ou a gente transgredir, nega, renega, e passa a fazer parte dos “excluídos”. Isso faz com que muitas pessoas passem a temer seus possíveis pendoros homossexuais ou homoafetivos, alimentando, em si mesmas, a homofobia. Gosto muito daquela frase escrita pelo Philippe Pears, ao definir o mecanismo de projeção: “projeção é quando nós achamos que estamos diante de uma vidraça, mas estamos diante de um espelho”. Ela se aplica à homofobia, certamente.

Da mesma forma, há tantos casais homoafetivos que têm uma real disponibilidade para se tornarem pais ou mães, para cuidarem de crianças, e por que não? Quantas vezes as crianças são adotadas por casais ou indivíduos hétero, completamente disfuncionais. Famílias de bom nível socioeconômico e cultural, muitas vezes, acabam por se constituir no inferno e na destruição de algumas crianças adotadas por eles.

Iara, que mensagem você deixaria para um terapeuta de casal e família no século 21?

Iara Camaratta Anton: Pensar sobre o que está vivendo, pensar sobre as suas escolhas, ter dúvidas, buscar respostas e, nesse sentido, a leitura ajuda muito. Eu gosto muito de ter livros aos quais posso

folhar, rabiscar, assinalar, sublinhar, comentar, rever... Quando tu falaste “meu deus, isso faz sentido”, se tu tivesses um livro em mãos, certamente estarias sublinhando, botando flechinhas ou escrevendo “faz sentido”; ou noutro momento talvez escrevesse “minha família” ou, talvez, “discordo”. Eu tenho livros que nos quais escrevi “discordo” e depois risquei, quando reli, e escrevi em cima do discordo “eu estava enganada”. É como se se estabelecesse um diálogo, tu vais botando a tua marca naquela leitura e eu tenho a impressão que é isso.

Pegando o livro como metáfora, nós vamos estabelecendo nossas marcas nas nossas aprendizagens, porque enquanto, é a descrição que tu fizeste, enquanto tu falava [aponta para a Ana], tu conversavas internamente [aponta para Larissa], tu podes não ter aberto a boca, mas tu estavas numa posição de diálogo, ou seja, de fecundação, né? E, eu tenho a impressão que esse é um dos pontos fundamentais: que o aluno tenha muita curiosidade em relação à profissão escolhida, que ele goste de ler, de estudar de alguma forma, de conversar pra seguir pensando — e tem que pensar pro resto da vida.

E aí vem outro ponto, né Larissa? Para quem gosta de escrever, a escrita ajuda muito, a escrita tem um elemento organizador de pensamento. Porque tu viste, tu escutaste ou tu leste e o teu cérebro fez uma síntese e na hora em que tu falas, tu estás expressando, organizando mais o pensamento; na hora que tu escreves, o processo é mais complexo ainda, mesmo que seja para ti mesmo. Um diário ou um comentário no rodapé de um livro, no canto de um livro. Tem todo um processo que é de alimentação recíproca, aí vamos pensar assim: como é que seria para ti te dispor a dar essa aula se não tivesse a Lari e outras tantas Laris querendo, desejando aquilo que tu tens para oferecer?! Aí vem de repente a Lari e diz “isso faz sentido” daqui a pouco pode dizer “não é bem por aí” e isso é o que faz crescer a ciência. Então, nesse sentido, eu acho que é fascinante estudar em qualquer fase da nossa vida e estudar com amor e ambição.

Sobre a questão da inteligência artificial, que tem um crescimento fantástico, uma influência fantástica, muito positiva em muitos aspectos, mas em outros aspectos não. Porque, muitas vezes, nós

somos dominados por algoritmos e deixamos de pensar, com vantagens e desvantagens. Entre elas, a instauração da preguiça mental. E, tu vês, na hora que a gente está, por exemplo, em um atendimento clínico, a gente precisa estar imersa, ter capacidade de concentração e de escuta, tentar fazer uma síntese e com isso estabelecer uma boa conversação e tenho a impressão de que não é o que acontece com a maioria dos estudantes. Seja de graduação, de pós-graduação, o que se visa muitas vezes são diplomas e não o desenvolvimento do pensamento.

Então, acho que um dos aspectos importantes foi avaliar o meu amor pela minha profissão. Dentro da minha profissão, tenho várias opções de trabalho: com o que que eu me identifico mais? E outra coisa muito importante, nós precisamos ter uma formação principal que nos norteia, mas não que nos limita a ponto de não termos mais diálogos com outros tipos de formação e de informação. Por exemplo, sobre as terapias cognitivo comportamentais, há conceitos, entendimentos e abordagens maravilhosos, realmente eficazes. Mas, em muitos aspectos eu não me identifico, não é o meu jeito. Mas, isso não significa não valorizar; eu tive pacientes com TOC, por exemplo, que eu encaminhei para terapeutas cognitivo comportamentais e que tiveram com eles um êxito que não tinham comigo. Agora eu vou estudar cognitivo comportamental por isso? Não! A gente não consegue estudar tudo.

Então, isso aqui é um ponto, o nosso desenvolvimento humano, nós precisamos ter uma vertente com a qual nos identificamos mais e também tentamos abrir os olhos para que exista mais ao redor e nos enriquecermos. E, aí vem o que alguns autores dizem em relação a terapia: quando nós estamos diante do nosso paciente, esquecemos tudo. Essa pessoa é única no mundo, eu não vou tentar encaixá-la nos meus padrões. Eu vou tentar escutá-la, ela vai me despertar, ela vai me despertar ressonância ou despertar reações contratransferenciais e, a partir disso, a conversação se torna algo efetivo, ou tem o potencial para se tornar.

Iara, como você gostaria de finalizar esse momento?

Iara Camaratta Anton: Primeiro, eu me senti muito lisonjeada com esse convite, muito honrada, me senti à vontade com vocês, queridas. Foram receptivas e claro que cada questão levantada desperta muitas respostas possíveis e às vezes é difícil a gente escolher, né? Mas, eu espero que de alguma forma possa ser interessante, possa ser útil para alguém. A nossa profissão é apaixonante e tem um detalhe: eu pretendo seguir trabalhando enquanto a vida me permitir, porque esse contato com pessoas é tão bom, tão bom.

Contribuição

Iara Camaratta Anton

Psicóloga, psicoterapeuta individual e de casais. Especialização em Psicologia Clínica Aplicada (PUCRS); Psicoterapia Psicanalítica (PUCRS); Terapia de Casal e de Família (Domus); Psicanálise dos Vínculos (Instituto Contemporâneo). Autora dos livros “A escolha do cônjuge: um entendimento sistêmico e psicodinâmico” (ARTMED/Grupo A); “Homem e mulher: seus vínculos secretos” (ARTMED/Grupo A); “O casal diante do espelho. Psicoterapia de casal: teoria e técnica” (Pearson/Casa do Psicólogo); e “Vínculos e saúde mental” (Sinopsys).

Ana Paula Risson

Psicóloga. Terapeuta pela Abordagem Sistêmica. Doutora em Psicologia. Professora na FAE Centro Universitário.

E-mail: annarisson@gmail.com

Larissa Coutinho Jordão

Graduanda no Curso de Psicologia da FAE Centro Universitário.

E-mail: lari_coutijord@hotmail.com